

“CAFÉ COM LEITURA”: UMA PROPOSTA DE INCENTIVO E ANÁLISE DA LEITURA CURRICULAR E SEU EXERCÍCIO ENQUANTO PRÁTICA DISCURSIVA.

NIRCE APARECIDA FERREIRA SILVERIO.

Resumo

Café é bebida escura de especial sabor, cujo cultivo e comercialização têm importante papel na história brasileira. Tomar um café é, muitas vezes, mais que um momento de degustar a bebida, mas de encontro, de diálogo. E se pensarmos de forma mais local, vemos que é o nome de um lugar marginalizado. A partir destas considerações, estruturamos um projeto onde buscamos refletir a respeito do trabalho com a leitura curricular e suas relações com a comunidade onde é/deveria se realizar. Nesta comunicação, portanto, relataremos proposições e atividades do projeto “Café com leitura”, desenvolvido em uma escola pública de Catalão–GO. Os livros de programas governamentais de incentivo à leitura (Biblioteca da escola, Literatura em minha casa, livros de programas do FNDE e outros) foram o suporte material do projeto. Com base neste material, investigamos a operacionalização das hipóteses de que a) os alunos estão inseridos em práticas sociais em que a leitura curricular é desnecessária, b) incentivar a leitura curricular como prática social e discursiva fará com que os alunos leiam mais e que c) proporcionar momentos de leitura de forma descontraída e lúdica fará com que ela seja mais desejada. Apoiamo-nos teoricamente em conceitos da Análise do Discurso de linha francesa, derivada dos trabalhos de Pêcheux e Foucault, tais como: arquivo, prática social e prática discursiva. Utilizamos a metodologia qualitativa–interpretativista, coletando informações, estabelecendo diversos eventos sociais que envolveram leituras e fazendo análises dos elementos colhidos.

Palavras-chave:

incentivo à leitura, prática social , prática discursiva.

Café com leitura é o nome dado a um grupo de leitura criado em função da implementação do projeto *Café com leitura: entremeios e práticas*, em uma escola pública no município de Catalão. O projeto visa incentivar o desenvolvimento da leitura curricular e a análise dos elementos que constituem a prática discursiva da leitura nesta comunidade; uma vez que abordamos uma prática discursiva constituída sócio-historicamente, buscamos estender a discussão a outras comunidades, outras escolas e outras práticas discursivas e não discursivas.

Trata-se de um projeto de leitura curricular, de incentivo à leitura de livros dos programas governamentais como Biblioteca da escola, livros do FNDE, da coleção literatura em minha casa e livros comprados pela escola com verba governamental. Optamos por abordar a leitura enquanto prática discursiva, pois, ao identificar o(s) problema(s) que nos levaram à proposição deste projeto, identificamos elementos que se constituíram e se constituem na esfera discursiva.

O principal problema da escola analisada é a dificuldade que os alunos têm ao ler e escrever, e de realizar as quatro operações matemáticas básicas; isto é apontado no Projeto Político Pedagógico como o principal *déficit* da escola, o que levou ao planejamento e à discussões em torno de ações propostas no Plano de Desenvolvimento da Educação relativo à escola. É em função deste *déficit* e dos problemas apresentados em sala de aula pelos alunos que propusemos este projeto.

Nas atividades da escola, observamos, por um lado, a mobilização da comunidade e da administração para que a escola realizasse e participasse de eventos sociais, onde havia apresentações. Por outro lado, víamos a existência de projetos com atividades que possibilitavam estes eventos, tais como projeto de dança (capoeira, catira, danças regionais nordestinas), de atividades competitivas (vôlei, handebol, xadrez), de fotografia (buscava a retratação da cidade), de informática (aulas de iniciação ao uso do computador), de artesanato...

Se atentarmos para a prática discursiva da leitura, vemos que ela está cada vez mais distante das atividades escolares. Há falta de livros e de espaço físico e discursivo para sua realização, fato que se agravou por posicionamentos anteriores, ao não priorizá-la; todo este contexto resulta num *déficit* de leitura caracterizado como: há poucos leitores, poucos livros, não há biblioteca nem bibliotecário, nos eventos da escola e da comunidade, há predomínio de atividades que não requerem a leitura ou não a requerem de forma mais intensa, principalmente, a curricular e a de livros de programas de incentivo à leitura, as quais em contrapartida, na maioria das vezes, são, institucionalmente e mesmo informalmente usadas, para avaliar o desempenho do aluno.

As formas de significar, neste lugar, não ocorrem por meio da leitura curricular, não a têm como base, apesar de a escola ser considerada muito importante e de mobilizar a comunidade nos eventos que realiza. Este fato fomenta o conflito entre a atividade docente e a discente; por um lado há o desejo e a necessidade dos docentes de empreender trabalhos também com a leitura curricular, pois é esta a principal carência dos alunos. Por outro lado, os discentes mostram-se desinteressados e não se identificam com este tipo de leitura, tomando-a não como elemento de si, mas do outro, do qual eles não fazem parte (muitas famílias têm pouco contato com a leitura curricular, com a leitura dos clássicos e dos livros dos autores consagrados, e parecem dela não necessitar em seus esforços cotidianos).

Assim é que consideramos todos os outros projetos da escola muito úteis e necessários, mas sentimos a falta de um projeto que se voltasse para a principal carência da escola e da comunidade, um projeto que trabalhasse mais diretamente o que a comunidade não tem (um trabalho mais voltado para a leitura curricular) e os elementos envolvidos nessa escassez.

Investigamos a operacionalização das hipóteses de que a) os alunos estão inseridos em práticas sociais em que a leitura curricular é desnecessária, b) incentivar a leitura curricular como prática social e discursiva faz com que os alunos leiam mais e que c) proporcionar momentos de leitura de forma descontraída e lúdica faz com que ela seja mais desejada.

Prática social e discursiva no elemento do arquivo

Nosso trabalho fundamenta-se nos pressupostos teóricos da análise do discurso francesa derivada dos trabalhos de Pêcheux e Foucault; dessa forma, apoiamo-nos em alguns conceitos dessa disciplina. Subjaz à nossa pesquisa o tema da leitura. Acreditamos que convém associá-la às pesquisas em análise do discurso, disciplina que tem se empenhado nos processos de problematização de interpretações e que se pauta pela descrição e análise de elementos linguísticos, histórico-sociais que se dão no discurso de forma entremeada.

Empreender uma abordagem discursiva significa entender o discurso como:

um conjunto de enunciados, na medida em que se apóiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica e formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados, para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência (Foucault, 2002:135).

São, também, constitutivas do discurso, as regularidades discursivas, que nos mostram enunciados do mesmo tipo, com uma identidade e sentido semelhantes, mas que estão submetidos a uma ordem, a um funcionamento discursivo, não estando, portanto, dissociados do princípio de dispersão e repartição dos discursos.

O discurso mostra-se constituído de enunciados (os quais apresentaremos de forma sucinta, devido à escassez de espaço neste trabalho). Foucault (*idem*) estuda minuciosamente este conceito e o caracteriza como tendo uma existência material e uma exterioridade, é raro, detém um acúmulo. Fernandes (2007), a partir dos estudos de Foucault, escreve que:

a exterioridade do enunciado apresenta suas margens povoadas por outros enunciados, mostra-o correlacionado a um campo adjacente, um campo associativo constituído por uma série de outras formulações e um conjunto de formulações a que se refere (p. 53).

Quando buscamos o conjunto das condições de existência dos discursos, nos deparamos com elementos culturais, sociais e históricos que condicionam a materialidade discursiva em questão. Os discursos se dão em um meio social e histórico, se mostram enquanto prática social, que se realiza por meio das "práticas discursivas".

Assim é que a partir dos estudos de Foucault, trabalharemos com a noção de prática discursiva assim definida (Foucault, 2002):

é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa (p. 136).

No conceito foucaultiano de prática discursiva delinea-se a importância do exercício da função enunciativa e demarca-se o fato de que a prática discursiva não é uma atividade de um sujeito, não se trata do trabalho de uma consciência, que desenvolve um projeto, mas da função enunciativa inserida em práticas constituídas historicamente podendo envolver domínios discursivos e não discursivos. Em nosso trabalho, abordaremos a prática da leitura, que, como toda prática, está inserida em um campo discursivo, no qual se relaciona com outras práticas discursivas e não discursivas.

Buscaremos a descrição e a análise da prática discursiva da leitura em uma comunidade, para tal operaremos com uma visão diferente da história tradicional, partiremos da história-vista-de-baixo, da preocupação com "as opiniões das pessoas comuns e com sua experiência da mudança social" (Burke, 1992:13). Dessa forma empreenderemos uma visão de história que "amplia o campo do documento histórico, que passa a ser reconhecido em uma multiplicidade de documentos - escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, etc" (Gregolin, 2004: 24).

Com essa perspectiva de história, não buscamos, neste trabalho somente registros escritos, mas a oralidade; para Schinelo (2004: 127):

A história construída pelo viés da oralidade assume um papel muito significativo no universo historiográfico do final do século XX, ela traz à tona um repensar a subjetividade no processo de fazer história (...) um desdobramento do olhar para o tempo, o lugar, a história e a memória.

Como se trata de um projeto de análise da prática de leitura e de seu incentivo, com vistas a seu desenvolvimento na comunidade estudada, podemos falar de prática, com o objetivo de operar deslocamentos conforme o que Pêcheux (1997: 189) constatou quando evocou as consequências do marxismo-leninismo nas práticas científicas e políticas de seu tempo: "veremos como o marxismo-leninismo transforma as relações entre estas duas práticas e as consequências discursivas, que daí resultam".

As práticas discursivas se dão no elemento do arquivo. Foucault (2002: 149) caracteriza o arquivo como: "a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares".

Café, bobagem, leitura

O lugar em que se situa a escola é periférico; esta, nele, produz formas de significação, contudo, depende grande parte de suas ações em atividades que já são aceitas e praticadas pela comunidade como os eventos e projetos que já mencionamos.

A partir desta constatação, surgiu a indagação de como propor algo, a que os alunos e a comunidade aderissem, pois para que considerem algo como significativo, é preciso que tenha a ver consigo, com sua história. Uma das primeiras formas de enfrentar o problema foi procurar entender a história do lugar onde trabalhamos e o que é significativo para essa comunidade, o que a constitui, o que a identifica.

Diversas vezes ouvimos os alunos falarem que moram no *Café*, em outras circunstâncias e lugares quando nos referimos à escola e sua localização, ouvimos *Ah, a escola fica no Café* recorremos, ao recurso da história oral para tentar explicitar os sentidos que esta palavra envolve, uma vez que soubemos desse sentido inusitado para a palavra, via expressão oral, pois o lugar onde se localiza a escola não tem oficialmente este nome.

Podemos conceber, então, a palavra *café* como um enunciado, ainda que restrito, uma vez que é usado assim apenas em referência a esta comunidade, e buscaremos suas margens e seu campo associado, utilizando a história oral. É por esta via, na fala do aluno que também ouvimos (referindo-se a um campeonato do qual participaram diversas escolas da cidade e o aluno comentava com outro a respeito da derrota do time da escola): *Ele me perguntou de onde a gente era, e eu expliquei, ele disse "só podia ser do Café"*.

Diante de tais informações procuramos ouvir outras pessoas a respeito deste apelido para este lugar (trata-se de uma vila e mais dois bairros) e optamos por fazer o lançamento do projeto para a comunidade por meio de um café da manhã, pois além de buscar a identidade dessa comunidade, procuramos realizar eventos sociais envolvendo a leitura, momentos de descontração como forma de incentivá-la e torná-la mais agradável.

Para este lançamento seriam convidadas pessoas de diversos setores da sociedade para discutir a respeito da região onde se situa a escola e onde vivem os alunos. Convidamos o presidente da associação de moradores, pessoas de outras escolas, conselho municipal de educação, moradores mais antigos do lugar, que falariam a respeito da história de constituição do lugar e dos problemas que seus moradores já vivenciaram e vivenciam atualmente.

Os alunos prepararam perguntas para a entrevista; destacamos algumas: *Quando você era criança o Café já tinha esse nome?; Aqui no Café as comunidades eram mais pobres?; Quem foi o primeiro presidente da associação de moradores do Café?; Por que este lugar é chamado de Café?; Tinha muitas casas aqui, antigamente?; Quem são os donos da escola, do terminal de ônibus e do restaurante de um real?.*

O presidente da associação de moradores justificou a ausência e os moradores mais antigos também não puderam comparecer. Contudo, ao conversarmos informalmente, os moradores falaram a respeito da história do lugar onde vivem, o caracterizaram como tendo sido uma lavoura de café que foi aos poucos desativada com a expansão urbana do município, por isso a lavoura havia sido loteada. Uma senhora nos disse que os quintais eram repletos de pés de café e que levou muitos anos para que acabassem. Já a história da marginalização situa-se em torno da localização dos bairros que fazem parte do lugar que chamam de *Café*, são bairros mais distantes do centro, mais novos e onde há terrenos mais baratos e com uma população de baixa renda.

Foi corroborada, portanto, a ocorrência do enunciado *Café*; outras pessoas, moradores das proximidades da escola, e outros moradores de outros bairros, confirmaram o apelido do lugar, pela fala destes moradores, identificamos que há uma regularidade, na cidade, em atribuir popularmente nomes aos lugares, sobretudo entre os moradores mais antigos, eles nos falaram a respeito de outros lugares como: *Berra lobo, Boca da onça, Inferninho, Chifre de ouro, Pé do morro*; todos têm uma história ligada à sua constituição e localização em relação ao centro da cidade.

As formas das informações circularem nesta escola e na comunidade da qual faz parte são por meio da televisão, do rádio, da *internet* (acessada nas *lan house*), de carros com alto-falantes, de eventos na rua (festa junina, comícios, inauguração de obras públicas); é também considerado o mural da escola e os eventos por ela realizados como: a festa junina e a comemoração do dia das mães, entre outros. As informações circulam bastante, também, por meio da conversa cotidiana entre os alunos, seus pais, vizinhos, professores.

A escolha do título do projeto levou em consideração estas formas de significar desta comunidade. Foi reutilizado o enunciado referente ao nome de um programa de rádio: *Café com bobagem*. A rádio e o programa são bastante populares na região, trata-se de um programa humorístico; a referência ajudou na circulação do nome do projeto e no despertar do interesse por ele, a ponto de alguns fazerem trocadilho com os dois nomes, o que foi motivo de discussões nas aulas de língua portuguesa e nas aulas de leitura.

Discutimos a respeito da *bobagem* que longe de dever ser rechaçada dos processos de leitura, pode constituir uma das temáticas a serem abordadas e analisadas por meio dos livros que estamos estudando. Os alunos foram informados de que, o humor, os regionalismos, o falar popular, que podem vir a ser considerados como *bobagem*, fazem parte da literatura, tanto a institucionalmente

mais valorizada, como de diversas outras manifestações, e que, no projeto, poderíamos reservar momentos para reflexões sobre esta temática.

Incentivo à leitura e práticas sociais

O projeto *Café com leitura: entremeios e práticas* foi organizado em função de promover a leitura curricular, para tanto criamos o grupo *Café com leitura*. Trata-se de um grupo que conforme a realização das atividades do projeto vai se desenvolver e agregar novos elementos, inicialmente divide-se da seguinte forma: grupo menor I e II (com até oito alunos, atendidos no contraturno), grupo maior I (turmas do 6º ano A e B) atendidas no turno de aulas regulares, grupo maior II (turma de alunos da própria escola, atendidos nos horários regulares de aula, e em eventos previamente combinados com os professores, com a participação de pessoas da comunidade), grupo maior III (turmas de outras escolas em eventos previamente combinados e com a participação de pessoas da comunidade).

Portanto, diversas pessoas podem participar do grupo de leitura e do projeto, os alunos atendidos no contraturno passam por um processo de revezamento, uma vez que não é possível atender mais que oito alunos, neste horário (já que todas as salas estão sendo usadas e, às vezes, sobra espaço na sala dos professores, mas é uma sala que também é utilizada para diversas outras atividades, o que não favorece a concentração para a realização das leituras e, por isso a sala tem que ser abandonada, sendo então utilizado o pátio da escola). (Ver: anexo 1)

Apesar de toda essa adversidade temos desenvolvido o projeto tanto com os grupos menores quanto com o grupo maior I. Desde janeiro de 2009, trabalhamos na leitura de poemas e contos das coletâneas do FNDE como *Meus primeiros contos* e novelas: *Vida e paixão de Pandonar*, *o cruel* de João Ubaldo Ribeiro, *Um assassinato, um mistério e um casamento* de Mark Twain além de outros. Agendamos para agosto a leitura da novela *O burrinho pedrês* de João Guimarães Rosa.

Há os alunos participantes dos grupos menores que se caracterizam da seguinte forma: a) alunos com grande dificuldade de leitura e problemas de disciplina e repetência, b) alunos com muito bom desempenho de leitura e excelente disciplina em todas as atividades da escola, c) alunos com dificuldade de leitura e repetentes, mas sem problemas de disciplina. Quanto à prática de leitura nos grupos maiores há os que pouco conhecem e pouco lhe atribuem valor, acreditam não se identificarem como leitores e há os que sabem de sua possibilidade e desejam ler, mas têm pouco auxílio da escola para que isso ocorra, pois não há biblioteca, há apenas duas estantes com poucos livros que são insuficientes para toda a escola (e não há quem administre o empréstimo de livros, não há bibliotecário). Os integrantes dos grupos menores deixaram de participar das atividades no contraturno, mas continuam participando bem, no horário regular de aula, os outros, se mantêm muito participativos, assíduos e interessados (ver: anexo 2).

O lançamento do projeto para a comunidade ocorreu em junho, para tanto fizemos toda uma preparação, com leituras e leituras, e a condição para participar, tanto do lançamento do projeto, como do grupo de leitura é ler algo, o que o aluno puder. Para que o aluno se sentisse mais interessado por ler, foram realizadas, em sala, várias atividades que lhe deram esta oportunidade. Fizemos leituras em grupo, leitura extraclasse, leitura de letras de música, que foram depois cantadas, encenações, declamações de poemas, produção de vídeos a partir das leituras

feitas e por fim a organização do evento social de lançamento do projeto, com a apresentação destes trabalhos.

Elaboradas as questões para a entrevista, e desenhos prontos, partimos para a divulgação do evento, e ampliação da divulgação do projeto, era o momento de instaurar definitivamente o projeto na escola e também de romper as barreiras alcançando mais explicitamente a comunidade desta escola e de outras, foram enviados convites a várias outras escolas e setores da sociedade.

A partir da temática da leitura, os alunos foram orientados a elaborar desenhos e falas para as personagens que foram colocadas no mural e em toda a escola, para a divulgação do projeto, o que funcionou como forma de incentivo à leitura para outros alunos. Foram produzidos cartazes e houve sua colocação no mural da escola (o fato deste mural servir para divulgar um projeto de leitura, foi um acontecimento inédito). (Ver: anexo 3).

Resolvemos pela proposição de práticas sociais envolvendo a leitura como tentativa de mudar a realidade da escola em relação a esta prática discursiva. Os efeitos dessa proposição foram satisfatórios, houve até mesmo acontecimentos não previstos no projeto, como o aumento (ainda que modesto) da frequência dos alunos às aulas, o aumento do interesse nas atividades em sala.

Mas o que isso tem a ver com leitura? As entrevistas, as reflexões e discussões em sala foram leituras da realidade, e leituras da forma do aluno compreender elementos que não fazem parte de suas discussões do dia a dia foram formas de relacionar a prática discursiva da leitura a práticas não discursivas. A presença de autoridades e da comunidade para discutir sobre o lugar onde aquela comunidade escolar se situa é importante para sensibilizá-la a respeito de como todos estes elementos têm a ver com leitura, inclusive a melhoria do espaço reservado à leitura na escola, a criação de uma biblioteca e com a contratação de funcionários para administrá-la.

As entrevistas aos moradores e as discussões em sala provocaram vários comentários e atiçaram a curiosidade de outras turmas, pais e professores, o que culminou com as atividades do grupo *Café com leitura* que tem gerado diversos comentários também por parte de quem não participa e de quem deseja participar, de quem participa e mesmo de quem não deseja participar.

Considerações finais

A prática discursiva da leitura se mostra de forma específica neste lugar como sendo conhecida; o morador e o aluno têm consciência de sua importância e existência e de seu *status* mas era tida como elemento do outro, das pessoas de outro lugar, salvo as poucas exceções. Isto mostra-se na fala dos moradores, as *pessoas estudadas*, e nos posicionamentos do aluno frente à leitura e mesmo na forma como a administração do município e da escola direcionou as ações e eventos envolvendo a escola anteriormente.

Além da leitura dos livros dos programas governamentais, foram disponibilizados e incentivados outros tipos de leitura como o jornal local e inclusive textos produzidos em sala pelos próprios alunos. Um dos textos serviu de introdução às discussões a respeito do lugar onde vivem, estas outras leituras serviram como elemento para que o aluno se identificasse e desmitificasse a atividade de ler; se a leitura curricular é considerada ou construída institucionalmente como a do outro, nada melhor que práticas escolares que valorizem uma leitura mais próxima do aluno,

entremeada pela leitura curricular. Alternando-se o espaço reservado a cada uma, de forma que o aluno valorize e se identifique tanto com uma quanto com outra.

Obras que gozam do *status* de clássicos da literatura e de escritores consagrados foram tomadas para leitura, em grupos, a partir das quais se fizeram encenações, de forma bastante informal e descontraída, a título de brincadeira, o que funcionou como estímulo aos alunos, e o fato da leitura ser em grupo facilitou a compreensão e a constância de leitura.

As atividades do projeto continuam, as reflexões e análises também, acreditamos que com ele contribuimos para que a prática discursiva da leitura desloque-se da situação de esquecimento (ver: Anexo 4).

O aluno e a comunidade de onde a escola faz parte têm a oportunidade de não se sentirem excluídos, esquecidos dessa prática discursiva. Tentou-se mudar a posição sujeito, antes passiva, alheia, e sem identidade nessa prática, para ativa. O que acena-nos para a transformação dessa prática discursiva e nos dá a oportunidade de pensar na possibilidade de constituição de novas práticas, uma vez que estamos inseridos num contexto histórico.

De onde resvalamos na necessidade de estímulo de práticas sociais envolvendo leitura, pois a caracterização das práticas sociais incentivadas pela escola não levavam em conta elementos de saber que a comunidade não tinha e que em certo sentido a caracteriza pela marginalização, devido à localização em relação à cidade, devido à história do lugar arquitetada em torno da plantação de café e depois por sua queda - o que resultou na criação dos bairros -, e devido à faixa econômica dos moradores.

As atividades de prática social funcionaram como elemento de mobilização, bem como a temática do café, com as suas diversas possibilidades de leitura: planta, apelido do lugar, signo de marginalização, possibilidade de ser elemento de orgulho (foi o mais importante produto de exportação brasileiro), momento de encontro social e de discussões descontraídas (ver: Anexo 5).

Referências bibliográficas

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: _____. (org). **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: EDUNESP, 1992, p. 7-37.

CUNHA, Leo et al. **Meus primeiros contos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, 102 p.

FERNANDES, Cleudemar Alves. A noção de enunciado em Foucault e sua atualidade na AD. In: ____; SANTOS, João Bôscio Cabral dos (orgs). **Percursos da Análise do Discurso no Brasil**. São Carlos: Claraluz, 2007, p. 47-66.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 6 ed., 2002, 239 p.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da Unicamp, 3 ed., 1997, 317 p.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Vida e paixão de Pandonar, o Cruel**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, 44p.

ROSA, João Guimarães. **O burrinho pedrês**. São Paulo: Códice, 2006, 101p.

SCHINELO, Rosimar de Fátima. **Memória oral: A mítica arte de tecer palavras**. 2004. 234 f. Tese (doutorado) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.